

A Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como projeto de desenvolvimento socioeconômico e ambiental na tríplice fronteira amazônica

The University of Amazon State (UEA) as a social, economic and environmental development in the triple amazon border

La Universidad Estatal del Amazonas como proyecto de desarrollo socioeconómico y ambiental en la triple frontera amazónica

Recebido: 16/05/2022 | Revisado: 25/05/2022 | Aceito: 28/05/2022 | Publicado: 04/06/2022

Artemizia Rodrigues Sabino

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8107-1032>

Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

E-mail: artemizia10@hotmail.com

Eloisa Mendonça Gadelha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8772-7429>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: espec@msn.com

Antonio Carlos Witkoski

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5194-4074>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: acwitkoski@uol.com.br

Ivanei de Melo Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5553-7863>

Escola Municipal Professor Ambrósio Bemerguy, Brasil

E-mail: ivaneimelo82@gmail.com

Resumo

O estudo tem o objetivo de analisar a história da chegada da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em Tabatinga/BR, localizada na Fronteira com Letícia/CO e Santa-Rosa/PE. Realizamos pesquisas bibliográfica, documental e de campo e, devido à situação pandêmica, optamos pelo uso do WhatsApp e Google Meet na execução de entrevistas. O fio condutor da busca por uma educação superior no Alto Solimões se inicia com o Projeto Rondon, que levava, juntamente com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS,) universitários para fazer estágios, atendendo a população carente. Em 1989, com a extinção do projeto, os agentes sociais da região iniciam um movimento para que a Universidade do Amazonas (UA) estendesse suas atividades ao interior do Amazonas. No ano 2000 Tabatinga é contemplada para receber um Centro da UEA passando a reconfigurar a vida dos moradores e as relações no meio ambiente da tríplice fronteira amazônica. Com as diversas manifestações sociais em prol da educação em Tabatinga e no Alto Solimões houve a instalação do Centro de Estudos Superiores em Tabatinga-CSTB, o qual deixou de ser uma utopia, bem como a implantação de cursos voltados para a formação docente elevando o capital cultural e intelectual da população fronteiriça. Com isso, as relações sociais estão aos poucos sendo modificadas repercutindo uma mudança significativa na qualidade do ensino básico e superior fazendo emergir novas necessidades que requerem outras lutas.

Palavras-chave: Ensino; Educação superior; Meio ambiente; Tríplice-Fronteira Amazônica; UEA.

Abstract

The study aims to analyze the history of the arrival of the University of Amazon State (UEA) in Tabatinga/BR, located on the border with Letícia/CO and Santa-Rosa/PE. We carried out bibliographic, documentary and field research and, due to the pandemic situation, we chose to use WhatsApp and Google Meet to carry out interviews. The thread of the search for higher education in Alto Solimões begins with the Rondon Project, which, together with the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (PUCRS,) took university students to do internships, serving the needy population. In 1989, with the extinction of the project, the social agents of the region started a movement for the University of Amazonas (UA) to extend its activities to the interior of the Amazon. In the year 2000 Tabatinga is contemplated to receive a Center of the UEA starting to reconfigure the lives of the residents and the relations in the environment of the triple Amazonian border. With the various social manifestations in favor of education in Tabatinga and Alto Solimões, there was the installation of the Center for Higher Studies in Tabatinga-CSTB, which ceased to be a utopia, as well as the implementation of courses aimed at teacher training, raising capital cultural and intellectual

property of the border population. As a result, social relations are gradually being modified, reflecting a significant change in the quality of basic and higher education, giving rise to new needs that require other struggles.

Keywords: Teaching; Higher education; Environmental; Triple Amazon Border; University of Amazon State.

Resumen

El estudio tiene como objetivo analizar la historia de la llegada de la Universidad do Estado do Amazonas (UEA) en Tabatinga/BR, ubicada en la frontera con Letícia/CO y Santa-Rosa/PE. Realizamos investigación bibliográfica, documental y de campo y, debido a la situación de pandemia, optamos por utilizar WhatsApp y Google Meet para realizar las entrevistas. El hilo de la búsqueda de la educación superior en Alto Solimões comienza con el Proyecto Rondón, que, junto con la Pontificia Universidad Católica de Rio Grande do Sul (PUCRS), llevó a universitarios a hacer prácticas, atendiendo a la población necesitada. En 1989, con la extinción del proyecto, los agentes sociales de la región empenzaron un movimiento para que la Universidad de Amazonas (UA) extendiera sus actividades al interior de la Amazonía. En el año 2000 se contempla Tabatinga para recibir un Centro de la UEA comenzando a reconfigurar la vida de la población local y las relaciones en el entorno de la triple frontera amazónica. Con las diversas manifestaciones sociales a favor de la educación en Tabatinga y Alto Solimões, se produjo la instalación del Centro de estudios superiores de Tabatinga CSTB, que dejó de ser una utopía, así como la implantación de cursos destinados a la formación de profesores, elevando capital e intelectual de la población fronteriza. Como resultado, las relaciones sociales se van modificando paulatinamente, reflejando un cambio significativo en la calidad de la educación básica y superior, dando lugar a nuevas necesidades que exigen otras luchas.

Palabras clave: Enseñanza; Educación superior; Medio ambiente; Triple Frontera Amazónica; Universidad Estadual do Amazonas.

1. Introdução

A educação superior na região do Alto Solimões ainda passa por grandes entraves. Apesar das conquistas nesse nível educacional, temos poucos registros que sinalizam a gênese e o processo de implantação do ensino superior na tríplice fronteira Amazônica. Nesse intuito, buscamos analisar a historicidade da implantação do ensino superior no Alto Solimões enfatizando desde os primeiros indícios da luta de diversos agentes sociais que não mediram esforços para militar por uma educação superior nessa área da Amazônia brasileira. Temos a intenção de dar visibilidade aos sujeitos que persistiram na luta pela educação, mas que hoje quase não são reconhecidos por dedicarem parte de suas vidas em prol do bem comum que é a educação. Muitas das vezes têm sido sujeitos sem voz e sem vez, esquecidos nas calhas do Alto Solimões.

A luta inicia com a implantação no governo militar do Projeto Rondon, que tinha por lema “Integrar para não entregar” a Amazônia, com ações na região norte voltadas à população do município de Benjamin Constant e vai até a implantação e implementação do polo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em Tabatinga, que hoje atua levando novas perspectivas para a população do Alto Solimões e também para os países vizinhos Colômbia e Peru. Essa Instituição de Ensino Superior (IES) vem ao longo de 20 anos formando profissionais em sua maioria professores, uma vez que no início dos anos 2000 se tinha necessidade de profissionais qualificados para atuar nas demandas educacionais em todo interior do Amazonas. Em Tabatinga e nos demais municípios os cargos públicos de professor eram ocupados por pessoas provenientes de outros estados do Brasil ou pelos chamados professores “leigos” por não haver profissionais locais com qualificação para atender a população em idade escolar.

É relevante entendermos como se deu o processo da chegada do polo da UEA em Tabatinga, a luta dos agentes sociais invisibilizados, para que a sociedade brasileira continue recorrendo por oportunidades de uma vida melhor, em qualquer lugar do país. Assim, os fatos ocorridos na mudança de postura de agentes dos campos político, econômico e religioso, reivindicando melhorias na educação para o Alto Solimões, culminaram na implantação e implementação do Ensino Superior público em Tabatinga transformando a realidade local nas vias do desenvolvimento social. Nesse estudo estamos criando um registro que ficará disponível a qualquer indivíduo que tenha interesse em conhecer um pouco mais a respeito da formação do ensino superior, especificamente na tríplice fronteira amazônica com a consolidação da UEA nessa região, mostrando a complexidade sistêmica envolvida na fronteira do Brasil (Tabatinga), Colômbia (Letícia) e Peru (Santa Rosa) com enfoque para a cidade de

Tabatinga, apresentando as problemáticas e particularidades que caracterizam o espaço fronteiro da cidade, tornando-a estratégica no Alto Solimões para garantir a soberania nacional.

Nesse contexto, a cidade cresce e se desenvolve, surgem diversos órgãos de controle do território brasileiro, assim como instituições que dão suporte local aos municípios vizinhos e seus entornos, além das cidades internacionais de Letícia/CO e Santa Rosa/PE. A partir dessa visão, procuramos destacar os fatores que deram origem ao surgimento da UEA e as circunstâncias que direcionam o seu funcionamento nessa tríplice fronteira e como a instituição vem atuando na formação de profissionais. Comungamos com as palavras de Lacerda (2019) quando diz que para apreender as dinâmicas da tríplice fronteira é preciso fazer uma imersão na realidade vivida no local, pois a região é altamente diversificada e multifacetada. A tríplice fronteira “é concebida como espaço que integra e agrega seus sujeitos, convidando-os à mudança de comportamento em relação às formas de convivência através de intensas vivências cotidianas permeadas pela diversidade cultural” (p. 19). A diversidade contribui para a mistura de costumes, uma vez que habitam povos das três nações: Brasil, Colômbia e Peru, e ainda nessa região habitam indígenas de diferentes etnias que dão características ainda mais singulares de uma área de tríplice fronteira.

Realizamos pesquisas bibliográfica, documental e de campo, com o uso da entrevista semiestruturada, configurada nos modos da história oral temática. Devido à situação pandêmica causada pelo vírus SARS-CoV-2, coronavírus (COVID-19), desde o final de 2019, as entrevistas ocorreram de forma presencial, respeitando as normas de biossegurança da Organização Mundial da Saúde (OMS), e *online* por meio das plataformas do WhatsApp e Google Meet. Os agentes sociais entrevistados foram escolhidos por fazerem parte de alguma forma da história da educação no município de Tabatinga e/ou no Alto Solimões.

Com as diversas manifestações sociais em prol da educação em Tabatinga e no Alto Solimões houve a instalação do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB, o qual deixou de ser uma utopia, bem como a implantação de cursos voltados para a formação docente elevando o capital cultural e intelectual da população fronteiriça. Com isso, as relações sociais estão aos poucos sendo modificadas repercutindo uma mudança significativa na qualidade do ensino básico e superior fazendo emergir novas necessidades que requerem outras lutas.

2. Metodologia

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa e, conforme Chizzotti (1995, p. 83), nossos agentes pesquisados são “sujeitos que elaboram conhecimento e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam”. Tivemos como base as pesquisas bibliográficas, documental e de campo para compreender o processo de criação da Universidade do Estado do Amazonas - Centro de Estudos Superiores de Tabatinga. Na pesquisa bibliográfica, buscamos em livros, artigos e publicações científicas conhecer a historiografia do ensino superior no Alto Solimões, pois conforme aponta Gil (2002), as referências bibliográficas também são primordiais para conhecer os estudos históricos.

Na pesquisa documental nos limitamos a pesquisar documentos, como Relatório de gestão 2002 e Projeto Pedagógico Institucional, disponibilizados pela UEA no seu *web site* oficial para comparação, análise e confirmação de dados já obtidos. Para Gil (2002), os documentos fazem parte de uma fonte abundante e sólida de informações para os estudos de natureza histórica. Já Lüdke e André (1986) afirmam que, apesar de ser pouco explorada, a análise documental pode ser importante no uso de dados qualitativos coletados por técnicas diversas dando veracidade as informações levantadas em entrevistas, por exemplo.

Realizamos a pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas com agentes sociais que fizeram parte da história da luta pela implantação do ensino superior na tríplice fronteira amazônica, considerando a entrevista como uma técnica que possibilita corrigir, elucidar e adequar as informações que desejamos (Lüdke & André, 1986). Optamos pela

história oral temática para aplicar os roteiros semiestruturados de entrevistas. Em função da situação pandêmica causada pelo vírus SARS-CoV-2, coronavírus (COVID-19), desde o final de 2019, parte das entrevistas foi realizada de forma presencial, respeitando os protocolos de biossegurança, conforme orientações da OMS. Ademais, utilizamos as plataformas do WhatsApp e Google Meet para dar continuidade a algumas entrevistas, preservando desta forma a integridade física dos agentes entrevistados e evitando maiores riscos de contaminação e contágio do novo coronavírus causador da COVID-19. Os agentes sociais entrevistados foram escolhidos por fazerem parte de alguma forma da história da educação no município do Tabatinga e/ou no Alto Solimões.

A partir dessa historicidade buscamos dar visibilidade aos personagens que tanto lutaram e ainda lutam pela efetivação da educação de qualidade no Alto Solimões, em particular, na cidade de Tabatinga. As técnicas utilizadas são importantes, uma vez que além de deixar registrada uma importante memória da região, no âmbito educacional, a história oral permite reunir “informações orais de uma ou mais pessoas sobre eventos, seu contexto, suas causas e efeitos” (Chizzotti, 2006, p. 107), na impossibilidade de registros impressos disponíveis. O estudo de campo tende a ser flexível, mas exige dedicação para conhecer, de fato, a problemática em questão (Gil, 2002). Por isso, também temos a perspectiva de que esse estudo possa se tornar base para novas pesquisas aguçando o pensamento científico e trazendo à tona os problemas e as conquistas da sociedade da tríplice fronteira amazônica.

3. Resultados e Discussão

3.1 Os campos de luta para implantação da UEA na tríplice fronteira

Com base em toda a complexidade existente na tríplice fronteira, iniciamos a abordagem registrando a preocupação de representantes municipais de Tabatinga, como vereadores, professores e religiosos, na década de 1990, trabalhando intensamente pela implantação de uma instituição de ensino superior que qualificasse a população do Alto Solimões para o desafio da gestão e gerenciamento dos serviços públicos, e atuar nas mais diversas frentes de trabalho em Tabatinga e demais municípios do interior do Amazonas, com vistas ao desenvolvimento social e econômico da região. À época, a cidade crescia com um quantitativo limitado de profissionais com formação superior, que assumissem, por exemplo uma sala de aula com a graduação específica nas diversas disciplinas. Antes de ser instalada uma universidade no município de Tabatinga, perguntava-se: como era atendida a educação básica: educação infantil, ensino fundamental e médio? Quais as preocupações das famílias locais com a educação?

A busca por uma educação de nível superior no Alto Solimões inicia com o Projeto Rondon, criado pelo governo militar junto com as universidades do Sul e Sudeste. Dessa maneira aconteceram articulações importantes entre os campos político, religioso e educacional, tais como: efetivação de ações de povoamento e desenvolvimento dos espaços fronteiriços; garantia do controle e da segurança da nação na área de fronteira, onde o campo político, religioso e educacional travam lutas para capacitar a população da região para assumir as funções ocupadas por profissionais vindos de outras regiões para trabalhar nas instituições públicas instaladas na área de fronteira. Esse projeto fazia parte do plano desenvolvimentista nacional com implantação de ações de fortalecimento de serviços públicos nas cidades fronteiriças, e para a consolidação do ensino universitário em Tabatinga aproveitaram-se dos espaços de formação de pessoas com olhares voltados para o desenvolvimento educacional e que travasse uma intensa luta nos campos político, religioso e educacional. Todo campo vale-se de lutas para se estabelecer, e no campo educacional não é diferente, para que este se consolide com suas regras e leis é preciso travar lutas constantes para manter ou transformar as relações de hierarquia e de poder em sua estrutura na finalidade de conservar ou transformar o *status quo* da sociedade, (Bourdieu, 2004).

A partir das ações religiosas foi possível viabilizar a instalação de cursos superiores em Benjamin Constant que atendeu uma pequena demanda de formação para os professores leigos do Alto Solimões, nesse momento as personalidades da

sociedade civil, política e religiosa juntaram-se unindo forças e iniciam a luta para tentar capacitar todos que demandavam a formação superior na região, abrindo um leque de oportunidade para negociações da instalação da UEA em Tabatinga e a oferta de cursos de licenciatura.

Assim, nasce a parceria do governo militar com a universidade PUC-Rio Grande do Sul que trazia estudantes universitários para fazer o conhecimento e reconhecimento das necessidades da região. Os estudantes eram, em sua maioria, de medicina, odontologia e de assistência social, que juntamente com sociólogos e psicólogos faziam atendimento à população da região do Alto Solimões, com deferência às populações ribeirinhas e indígenas, como parte prática de sua formação. Então, o campo educacional foi redimensionado e a população passou aos poucos a lutar por novas perspectivas de vida no Alto Solimões. Em Benjamin Constant, no Bairro de Coimbra, foi criada uma espécie de Mini-Campus da PUC- Rio Grande do Sul, do chamado Projeto Rondon. Foram trazidos estudantes para realizarem residência, estágios e outras práticas de atendimento à população. Neste contexto, através do Projeto Rondon, e da base instalada em Benjamin Constant, foi criado um curso de licenciatura curta de primeiro grau, apenas com uma turma, para qualificar professores com conteúdo de letras, matemática e estudos sociais. Dessa turma participaram renomados professores e importantes expoentes da educação na região, tais como: Esmeralda Aparício Negreiro, Celso Braga e Lázaro Lira. Com a iniciativa do governo de buscar “integrar para não entregar” a Amazônia, tivemos a inclusão dos primeiros *homo academicus* da região à universidade para cursar o ensino superior em sua própria localidade.

Em 1989, com a extinção do Projeto Rondon, houve a desativação da base do Campus Avançado do Alto Solimões (CAAS), em Benjamin Constant. O local ficou abandonado e a população fez diversas manifestações pedindo a reativação das atividades no Campus, mas não obtiveram sucesso. Nesse sentido e com a intenção de realizar um movimento que lutasse para que cursos de ensino superior fossem ministrados no Alto Solimões, alguns agentes sociais, ligados à Pastoral da Juventude (PJ), ao Movimento de Educação de Base (MEB) que eram coordenados pela Prelazia da Igreja Católica, ao Partido dos trabalhadores (PT), professores, comerciantes e estudantes passaram a se reunir e discutir sobre as possibilidades de instalar um polo da Universidade do Amazonas (UA), atual Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em um dos municípios da região.

De acordo com os relatos da ativista social Gleissimar C. Castelo Branco¹, em Benjamin Constant, nasceu a vontade de mudar a realidade ali vivida, porque se formavam turmas de magistério com o ensino médio e esses mesmos alunos iam para sala de aula como professores sem continuar sua qualificação. Isso inquietou a população que foi percebendo que a qualidade do ensino estava diminuindo. Formaram um grupo pequeno de pessoas para pensar estratégias de mudanças daquela realidade. Passaram a fazer reuniões, que ao mesmo tempo envolvia os militantes que atuavam no PT e que procuravam discutir e articular a vinda de cursos de licenciatura para o Alto Solimões. As reuniões eram realizadas na sede do Movimento de Educação de Base, que ficava ao lado da Igreja Imaculada Conceição, no Centro Magüta, ou na casa dos integrantes do grupo, como do senhor Nino Fernandes, uma grande liderança Tikuna que lutou pela demarcação das terras indígenas Tikuna do Alto Solimões, foi um dos fundadores do PT e o primeiro presidente do diretório do PT de Benjamin Constant. O professor Rodolfo Magalhães² também fazia parte do grupo de discussões. A partir daí o grupo começou a pensar em sair do âmbito de Benjamin Constant e procurou fazer um movimento no Alto Solimões a fim de conseguir apoio político para enfrentar esse grande desafio (Pesquisa de campo, 2021).

¹ Gleissimar C. Castelo Branco é militante do movimento de educação do Alto Solimões, do Partido dos Trabalhadores e ativista social que vem lutando há muitos anos no Alto Solimões por diversas questões sociais, entre elas, a educação. É Licenciada em Letras pela Universidade do Amazonas, atual UFAM, e brigadista de emergência da Defesa Civil de Benjamin Constant. A entrevista foi concedida em janeiro e março de 2021, via WhatsApp e presencial.

² Rodolfo Magalhães foi um dos agentes que lutou pela educação superior no movimento Comissão de Implantação dos Cursos de Literatura do Alto Solimões (CICLAS) em Benjamin Constant.

Em Tabatinga, o professor Hidelmagno Pereira de Andrade³, umas das primeiras pessoas a militar por uma política de educação que permitisse a todos o acesso ao ensino superior, conta que a reivindicação inicial era para que a universidade do Amazonas (UA) fosse do Amazonas realmente, porque até então, só atuava em Manaus. E no interior apenas o filho do comerciante, do doutor fulano ia para Manaus fazer um cursinho, vestibular e faculdade, pois tinha dinheiro para isso, o professor se negava a aceitar essa situação. E quando fez o curso de ciências e matemática, ficou pensando na maravilha intelectual que tinha acontecido na sua vida, conta que havia muitos jovens em Tabatinga se envolvendo com as drogas e com o tráfico sem ter a oportunidade de desenvolver seu potencial para algo bom na sociedade. E começou a se encantar pela ideia de o jovem tabatinguense experimentar o prazer de desenvolver o seu intelecto, de ver o quanto ele poderia ser útil à sociedade. Surge aí a vontade de lutar por curso de nível superior para os alunos de Tabatinga, a ideia inicial era para Tabatinga, mas como não conseguiram por causa das dificuldades, se uniram com agentes sociais dos outros municípios e fizeram um convênio envolvendo todo o Alto Solimões (Pesquisa de campo, 2020). Assim, a luta por uma universidade para Tabatinga e todo o Alto Solimões ganhava mais força e adeptos.

No ano de 1989, a Universidade do Amazonas (UA), que passou a se chamar Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pela Lei 10.468/2002, assumiu a gestão de cursos de ensino superior em Benjamin Constant. E por volta de 1991, os cidadãos benjaminenses preocupados com o futuro do Alto Solimões reuniram professores, comerciantes e políticos formando a Comissão de Implantação dos Cursos de Literatura do Alto Solimões (CICLAS) que lutava pela implantação permanente da universidade e por novos cursos de graduação para atender a região estimulando o desenvolvimento dos municípios. Nessa época, para se cursar o ensino superior, era preciso que as famílias tivessem recursos suficientes para manter seus filhos estudando em Manaus ou em outra cidade, situação impossível para a maior parte da população do interior do Amazonas que, sem uma infraestrutura e desenvolvimento, vivia apenas para sua subsistência. Poucas famílias conseguiam manter os filhos nas universidades fora da região, principalmente os filhos daquelas menos abastadas, cuja perspectiva era a pesca, a extração da madeira e a seringa, quando muito, com muita sorte, era servidor público municipal de baixo escalão.

O movimento buscou apoio em cada município e em cada um havia uma pessoa focal. Com o passar do tempo, a CICLAS foi trabalhando e conseguiu fazer articulação com os prefeitos, vereadores, professores e lideranças de cada município para apoiar a ideia de lutar por um polo permanente da UA no Alto Solimões. Desta forma, a luta por um ensino superior que atendesse a população continuava trilhando novos caminhos e perspectivas mesmo sem a aceitação de pessoas influentes como no caso do prefeito que era contra as manifestações da CICLAS.

No trabalho de sensibilização das autoridades, dos vereadores, dos prefeitos, tiveram que fazer uma pesquisa socioeconômica do município, porque a universidade queria ver a viabilidade da oferta do município, da demanda, da qualidade do ensino para ver como poderia começar o curso, se ia começar a todo vapor ou se teria que fazer uma equalização da situação dos estudantes para poder acompanhar o curso. Em entrevista à pesquisa, Hidelmagno Pereira Andrade afirma:

Foi muito trabalhoso, fui punido por causa disso, fui processado, porque combinei com um diretor, que era coronel, que iria fazer esse serviço no Alto Solimões e ele designou um professor para assumir minhas turmas e quando retornei, não tinha ninguém, ele disse que eu não tinha falado com ele. Acredito que ele mandou o professor sair da sala de aula, só para me punir. A universidade queria também o apoio da comunidade que era para ter uma sustentação política e pressionar os políticos. Por causa disso, tivemos que fazer um abaixo-assinado da comunidade reivindicando, não seria mais agora uma reivindicação só da CICLAS ou de políticos, seria uma reivindicação de toda comunidade do Alto Solimões, depois dividi tarefas, enviei as folhas com o abaixo-assinado para outras pessoas nos outros municípios tomarem a assinatura das pessoas nas comunidades, juntamos todas as assinaturas, entrevistas de pessoas relatando a situação profissional e falando da necessidade de um ensino superior, e de posse de toda a documentação e fotos enviamos à universidade (Pesquisa de campo, 2020).

³ Entrevista concedida pelo professor da rede estadual do Amazonas Hidelmagno Pereira de Andrade, que tomou a frente das manifestações em Tabatinga para que fosse implantado o ensino superior na região. Atuou como professor e vereador do município de Tabatinga. A entrevista foi realizada em 19 março de 2020, em Tabatinga-AM.

Passa-se a um novo processo que é o envolvimento da população dos municípios do Alto Solimões (Tabatinga, Benjamin Constant, Atalaia do Norte, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Iça, Tonantins, Jutá e Fonte Boa) para fortalecimento da busca do ensino superior e aproveitando oportunidades e alianças que surgiram na busca tornar a região visível para o Brasil. Gleissimar C. Castelo Branco em entrevista diz que,

O movimento foi criando cada vez mais força até que o professor Marcus Barros, reitor da UA, foi para Benjamin Constant conhecer a ideia de implantar o ensino superior no Alto Solimões, e levou todos os diretores acadêmicos, um fato inédito. Entre eles, estava a professora Ivânia Maria Carneiro Vieira, na época estudante de jornalismo e estava acompanhando a comitiva, e participou da reunião que ocorreu no escritório do MEB. Para essa reunião, o movimento CICLAS chamou todas as lideranças comunitárias, desde pastorais, associações e organizações existentes. O professor Marcus Barros se empolgou com a ideia, e finalmente, houve a possibilidade de implantação, só que na hora da implantação, apenas o prefeito David Lopes Magalhães de Benjamin se colocou à disposição e disponibilizou o espaço do antigo Campus Avançado, onde funcionou a PUC do Rio Grande do Sul no Projeto Rondon que tinha sido extinto. Os prefeitos que antes tinham assumido dividir os gastos com a alimentação e material para os alunos dos municípios, declinaram do compromisso e o David assumiu a maior parte das despesas com os cursos (Pesquisa de campo, 2021).

Em Tabatinga, a luta inicial foi para conseguir implantar um polo da UA, e como os políticos não tinham interesse porque era muito dispendioso trazer uma faculdade para Tabatinga, os agentes sociais de Tabatinga se reuniram com o grupo de Benjamin Constant que estavam com a mesma ideia de lutar por um polo universitário para o Alto Solimões. O professor Hidelmagno Pereira Andrade afirma:

Então, nos reunimos e formamos uma comissão chamada CICLAS, nos encontros de debates de ideias, percebemos que todos os prefeitos eram resistentes a implantação de um polo universitário no seu município, uma vez que, não queriam arcar com as despesas que viriam com a implantação do polo. Porque nosso projeto incluía alimentação, hospedagem e transporte para os alunos, pois muitos não teriam condições financeiras de se manter e de viajar. No final, só o prefeito de Benjamin Constant, Davi Lopes Magalhães, se comprometeu a assumir os custos com o polo que acabou sendo implantado naquele município, não se fez nenhuma oposição a proposta dele, porque se os outros prefeitos desistissem, ele segurava as pontas. Depois foi feito um documento e todos os prefeitos assinaram se comprometendo, e a partir dali o município se obrigava, não era nem o prefeito, o município se obrigava a fazer os repasses necessários para o funcionamento do polo (Pesquisa de campo, 2020).

Nesse interim, quando Francisco Rodrigues Balieiro assumiu a prefeitura de Tabatinga (1993-1996), reuniu-se com outros prefeitos do Alto Solimões e iniciaram o diálogo para entrar em contato com a Universidade do Amazonas (UA) em Manaus na finalidade de retomar os estudos do ensino superior no Alto Solimões ainda no âmbito do Projeto Rondon. Dessa forma, foi criada uma turma de Licenciatura Plena em Letras em Benjamin Constant em 1994. Posteriormente houve outras turmas de Filosofia, Matemática, Ciências e Geografia com aulas sempre no período do recesso escolar (Fernandes, 2015).

Apesar da Universidade do Amazonas atuar em Benjamin Constant atendendo na formação de profissionais no Alto Solimões, a demanda social por profissionais qualificados em diversas áreas só aumentava, especialmente com cursos de licenciatura, surgindo a necessidade de se ampliar o campo de atuação da universidade para outros municípios a fim de atender os habitantes da região. Após alguns anos, outro momento importante aconteceu, foi a demarcação das terras indígenas do Vale do Javari, encerrando o ciclo da extração de madeira na área. Dessa forma, centenas de famílias tiveram que sair das áreas demarcadas no Alto Solimões, principalmente, da região da tríplice fronteira, que sempre se configurou com baixo índice de desenvolvimento humano e situação de extrema pobreza. Estudos apontam que havia um dos maiores índices de pobreza do Brasil. A situação de demarcação influenciou diretamente no processo econômico local, pois da área de exploração da madeira era de onde muitos habitantes retiravam o sustento, esse fato colaborou para novos movimentos que evidenciaram ainda mais a importância da melhoria da qualidade do ensino e novas fontes geradoras de renda para a região. De acordo com Gleissimar C. Castelo Branco,

Revoltado com o ocorrido e tomada de decisão pelas autoridades, o senhor Túlio, presidente da associação de madeireiros, foi dizer na TV “A Crítica” que mais de 5mil pessoas, homens iriam para o narcotráfico porque não tinham outra alternativa econômica. Diante dessa entrevista o Dom Alcimar Caldas Magalhães (1940-2021), nomeado bispo da região do Alto Solimões em novembro de 1990, que tinha boa articulação dentro da sociedade amazonense, iniciou um movimento da igreja católica para discutir, buscar e propor alternativas econômicas diferentes do extrativismo da madeira, e também encontrar soluções para as problemáticas sociais da região com as autoridades do município e do estado. O bispo foi no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e na UA atrás de pesquisadores que pudessem, por meio de suas pesquisas, identificar outras alternativas econômicas na finalidade de desconstruir o discurso do madeireiro, de que todos iriam para o narcotráfico (Pesquisa de campo, 2021).

Nessas circunstâncias e dentro da Amazônia que possui o maior bioma do mundo, era impensável que todas aquelas famílias fossem viver do narcotráfico se não houvesse a extração da madeira para a comercialização. Assim, pesquisadores da UA como a professora Sandra do Nascimento Noda (1947-2017) e Hiroshi Noda desenvolveram vários projetos no Alto Solimões, entre eles, o Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Alto Solimões (PRODESAS), que hoje é um núcleo do Instituto e Cultura da UFAM em Benjamin Constant, o doutor Charles Clement do INPA (chamado de doutor Pupunha, por ser o principal pesquisador sobre a pupunha desde o Caribe à Amazônia), e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) vieram para a região fazer pesquisas da viabilidade econômica. E diante dessa articulação, Dom Alcimar Caldas Magalhães, Valdir Barros, David Nunes Bemerguy atual prefeito de Benjamin que na época era vereador, ex-prefeito Amauri Maia de Benjamin Constant, José Gouvea, ex-vereador de Santo Antônio do Içá, e tantos outros agentes sociais dos diferentes municípios planejam, organizam e desenvolvem o Fórum Permanente de Debates para o Desenvolvimento da Região do Alto Solimões (SOLIFORUM). Iniciava uma grande mobilização no Alto Solimões com os vereadores, prefeitos e lideranças para discutir alternativas econômicas. Gleissimar C. Castelo Branco pontua que,

O primeiro SOLIFORUM foi realizado na quadra Coronel Berg, do exército, no município de Tabatinga, e teve 300 participantes dos municípios, prefeitos, vereadores, lideranças comunitárias e a associação dos madeireiros. E como o evento agregava autoridades políticas dos municípios do Alto Solimões, os vereadores se juntaram e formaram a Associação de Vereadores do Alto Solimões (AVAS), que teve como primeiro presidente o Amauri Maia de Benjamin Constant. Após a criação do AVAS, os vereadores, principalmente de Tabatinga, tiveram a iniciativa de formar o Seminário dos Vereadores do Alto Solimões (SEVAS) para discutir problemas comuns dos municípios e buscar soluções viáveis aos mesmos a partir das propostas apresentadas nos SOLIFORUNS. Em conjunto, visavam chamar a atenção do governo federal para que disponibilizassem recursos para investir na região, que para o poder público era praticamente invisível no cenário político (Pesquisa de campo, 2021).

Do SEVAS saíram propostas como: a criação da rádio nacional do Alto Solimões, o aeroporto de São Paulo de Olivença, a estrada de Benjamin Constant até Atalaia do Norte e o Hospital de Santo Antônio do Içá. No SEVAS também foi criado o Fórum de Desenvolvimento Integrado Sustentável do Alto Solimões em que o primeiro presidente foi o Dom Alcimar Caldas Magalhães, dentro dessa organização estavam os poderes públicos, as prefeituras, os vereadores, as câmaras, representantes da sociedade civil, das organizações privadas e os órgãos federais estavam todos juntos, em prol de pensar e trazer melhorias para a região. O movimento passa a ganhar força e reconhecimento. Aos poucos vai preparando o espaço para o futuro cenário político e ideológico concretizado no século XXI com os projetos de instalação da Universidade no Alto Solimões.

A educação é um dos pilares principais para o desenvolvimento, e os membros do fórum começaram a reivindicar além da Universidade Federal do Amazonas para Benjamin Constant, um campus da Universidade do Estado do Amazonas para Tabatinga, com outros cursos porque em Benjamin Constant tinham seis cursos, mas a população queria outros cursos para ampliar o conhecimento na região, tinha a questão da superação do mercado porque várias turmas já tinham sido formadas e estavam formando excedente de mão de obra naquela área de cursos da UFAM. E assim foi levado para as instâncias governamentais do estado, os governadores, deputados e senadores participavam diretamente na região do Alto Solimões

quando ocorria os SEVAS, ou seja, os fóruns realizados. No final de cada evento era decidido por votação o município que sediaria o evento do ano seguinte. Os documentos resultantes do evento entregues nas mãos das autoridades destinadas. Eles ouviam diretamente dos agentes sociais os desejos, anseios e os sonhos da região, ao criar uma identidade mesorregional, pensavam em desenvolver cada município, porque com a criação da mesorregião foi integrada a esta sub-região os municípios de Jutai e Fonte Boa. Nesse palco de lutas por ideais é iniciado o amplo processo de mobilização para a criação da UEA em Tabatinga, conforme entrevista de Gleissimar C. Castelo Branco.

Altenor Lopes Magalhães⁴, vereador de Tabatinga por 12 anos e um dos vice-presidentes do SEVAS expõem que,

O bispo Dom Alcimar Caldas Magalhães foi pessoa fundamental dentro desse processo, porque ele era o nome da igreja bem visto dentro da esfera governamental, não fazia parte de partidos políticos, mas que tinha um certo respeito, respaldo para representar o Alto Solimões por todas suas lutas pela região, esteve em todos os encontros do SEVAS apoiando e foi um a reivindicar a criação da universidade polo Tabatinga. Havia também alguns pastores, mas não com a mesma influência de Dom Alcimar, que tirava recursos da própria diocese, pagava passagens, montava comissões, viajava para tentar trazer melhorias à população. O Euler Ribeiro muito bem visto aqui (na região), que ajudou bastante, mas o papel fundamental, quem autorizou a construção foi o Amazonino Mendes (Pesquisa de campo, 2020).

No campo econômico, vários comerciantes tiveram participação em colaborar com passagem, com barcos rápidos e outras coisas, houve um sistema de contribuição coletiva. O José cordeiro (*in memoriam*), presidente da Associação Comercial de Tabatinga por muitos anos cuidava dos interesses econômicos da cidade com uma visão muito ampla e diferenciada, uma vez que pensava como o comércio faria para se manter, naquela época ele já tinha uma visão de shopping para Tabatinga, entrevista cedida pelo professor e ex-vereador de Tabatinga Enildo Batista Lopes⁵ (Pesquisa de campo, 2021). A gênese da Universidade do Estado do Amazonas em Tabatinga é formada neste contexto com a influência do projeto Rondon, a formação educacional de agentes sociais, agentes políticos e religiosos que começam a pensar no futuro da região do Alto Solimões, no desenvolvimento educacional e social, uma vez que, a mudança no contexto de exploração de madeira e outros recursos da floresta em grande escala pela população da região passava a entrar em uma nova fase: a de proibição. Sem alternativas, buscaram-se novos caminhos para o desenvolvimento social e preservação do meio ambiente, um dos caminhos se deu por meio da implantação e implementação do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga.

3.2 O concreto empírico e o concreto pensado: a construção do espaço físico da UEA Tabatinga

Em 1996, foi sancionada a Lei nº 9.424, dispondo sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino fundamental e Valorização do Magistério (que anos mais tarde seria o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB), estabelecendo um prazo de cinco anos para que o Distrito Federal, estados e municípios habilitassem os professores leigos na qualificação profissional docente prevendo punições administrativas para o seu não cumprimento (Brasil, 1996). Nesse sentido, iniciou uma movimentação a fim de capacitar nos municípios os profissionais do magistério para atuar nas instituições de ensino. Capacitar os professores com nível superior passou a ser prioridade nos municípios para atender aos preceitos do país. Com essas designações foi possível ampliar a atuação da Universidade do Estado (UA) em Benjamin Constant e criaram-se três turmas de graduação em Tabatinga (Educação Física, Filosofia e Pedagogia).

A Lei sancionada estabelecia a formação do profissional docente, e para que houvesse uma formação para todos que demandassem, houve movimentos sociais com articulação nos campos político, econômico e religioso, onde a real intenção era

⁴ Entrevista concedida pelo ex-vereador e cientista político graduado em ciências políticas pela UEA em Tabatinga, Altenor Lopes Magalhães. Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2020, em Tabatinga-AM.

⁵ Entrevista concedida pelo docente da UEA Enildo Batista Lopes, Mestre, Licenciado em Matemática, ex-vereador e Secretário de Educação de Tabatinga no período de 1999 a 2004. Entrevista realizada em 18 janeiro de 2021, via Google Meet.

conseguir articulação para que a UA implantasse um novo polo em Tabatinga, assim, dois polos existiriam no Alto Solimões para atender a população na capacitação profissional. Ocorreram algumas tentativas sem sucesso, conforme ressalta Bourdieu (2017) todo campo é lugar de luta onde seus agentes buscam as condições e critérios necessários para se estabelecer e legitimar seu espaço.

Mas, nos anos 2000 o governador Amazonino Armando Mendes, que na época estava no final de seu terceiro mandato e investia bastante na construção de escolas e infraestruturas no interior do Amazonas, com fins de conter o êxodo rural para a capital e também na pretensão de eleger o sucessor, Eduardo Braga, costumava economizar no início de seus mandatos e no final investia em obras impactantes que garantissem sua reeleição e de seus candidatos. Nesse período, o então governador estava entusiasmado com a possível criação da UEA ou cogitava fazer algo no sistema de saúde para atender juntamente com o Amazon Prev os funcionários públicos do Estado do Amazonas. Sendo ele alertado dos possíveis problemas que isso ia gerar, por não atender toda a população, pois o recurso público não poderia ser destinado só em benefício de servidores e, sim de toda a população, então, passa a idealizar a UEA MULTICAMPI, e começa a pensar nos municípios estratégicos para ofertar o ensino superior no Amazonas, sendo a princípio cogitadas as articulações para a construção dos Centros da UEA em Parintins, Itacoatiara, Tefé, no rio Madeira e no Alto Solimões. Mas, no Alto Solimões ele pretendia deixar que seu sucessor ao governo, Eduardo Braga, construísse. Porém, o prefeito de Tabatinga Raimundo Nonato Batista de Souza (conhecido como Boi) que assumiu a prefeitura de 1999 a 2004 (dois mandatos), juntamente com seu secretário de educação, Enildo Batista Lopes, o convenceram a fazer algo impactante na educação com a implantação de um Centro da UEA no Alto Solimões em Tabatinga, com os argumentos de que isso iria dar mais visibilidade para seu governo, já que muitos cidadãos para cursar o ensino superior tinham que se deslocar até Manaus e em sua maioria não dispunham dessas condições. Além disso, a conurbação com Letícia traria uma maior possibilidade de parcerias com a Colômbia, visando a efetivação da política de integração internacional, conforme relatos de Enildo Batista Lopes (Pesquisa de Campo, 2021).

Como pontua Bourdieu (2004, p. 23), “o espaço só existe (de alguma maneira) pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram”. Nessa perspectiva, o campo universitário de Tabatinga vai sendo planejado e passa a tomar forma por meio das relações estabelecidas entre seus agentes que lutam constantemente para alcançar seus objetivos, a implantação de um polo de ensino superior em Tabatinga. Seguindo nessa direção, no ano de 2001 a UEA inicia suas atividades em Manaus, Parintins e Tefé (Universidade do Estado do Amazonas, 2002), como campo universitário nesses municípios após diversas tratativas e lutas dos agentes políticos, religiosos, econômicos, educacionais, entre outros, obtendo êxito e sendo regulamentada pela Lei nº 2.637, de 12 de janeiro de 2001, por meio do Decreto nº 21.666, de 1º de fevereiro de 2001 com a finalidade de instruir profissionais da área da saúde, educação, cultura, turismo, administração pública e atuar como núcleo de inteligência gerador da política desenvolvimentista do Estado. Os cursos ofertados foram pensados para atender a demanda das necessidades da região em virtude da complexidade que envolve o Estado do Amazonas com seus 62 municípios proporcionando desenvolvimento econômico e social à população (Universidade do Estado do Amazonas, 2007).

A Missão da Universidade do Estado do Amazonas constituía-se em proporcionar desenvolvimento econômico e social para a população por meio da formação superior priorizando a qualidade de vida, a cidadania e a integridade cultural e ambiental da Amazônia e seus povos. E sua visão consistia em tornar-se uma Instituição de excelência nacional de ensino superior atuando na tríade ensino, pesquisa e extensão, preparando os cidadãos amazonenses para viver e conviver com o processo de globalização visando melhorar a sustentabilidade socioambiental, econômica e política (Universidade do Estado do Amazonas, 2007).

Dessa forma, a UEA já em 2002, passa a atuar em 61 municípios do Amazonas com aulas televisionadas com o Programa de Formação de Professores para o Ensino Fundamental (PROFORMAR). Neste mesmo ano foram implantados o Centro de Estudos Superiores de Tabatinga e os Núcleos de Ensino Superior de: Boca do Acre, Carauari, Coari, Eirunepé,

Humaitá, Itacoatiara, Manacapuru, Manicoré, Maués e São Gabriel da Cachoeira (Universidade do Estado do Amazonas, 2002). Os campos universitários da UEA passam a modificar as relações e realidades vividas pela população interiorana do Amazonas, trazendo novas perspectivas de formação, qualificação profissional e esperança de oportunidade de emprego desenvolvendo os municípios dando às famílias de menos condições financeiras chances de resistir e subverter-se ao sistema vigente contribuindo diretamente para o desenvolvimento social do país.

Em Tabatinga, se iniciavam em 2000 as mobilizações para conseguir um terreno na Avenida da Amizade (exigência do governador), no intuito de construir o campus da UEA em Tabatinga. O terreno de área verde na Avenida da Amizade que ficava ao lado da Escola Estadual Conceição Xavier de Alencar (GM3) foi desapropriado para a construção do Centro. Mas as atividades da UEA Tabatinga iniciaram em 2002, por meio do Decreto nº 22.751, de 28 de junho de 2002, no Centro Profissional do Alto Solimões (CTP-SOL), com 02 (duas) turmas dos cursos regulares de Matemática, Biologia, Letras, Geografia, Normal Superior (PROFORMAR- curso especial e modular) e 01 (uma) turma de Ciências Políticas (curso especial e modular) (Universidade do Estado do Amazonas, 2002).

A área destinada para a construção da UEA Tabatinga, era a única área de preservação ambiental da cidade, mas para atender à exigência do governador que dizia que o terreno teria que estar localizado na Avenida da Amizade, os vereadores, pela Lei Orgânica do município, revogaram o tombamento daquela área, que pertencia ao senhor Mário José. A lei revoga o tombamento e oferece para o governo do estado a doação dessa área para a construção do polo universitário, informações dadas pelo senhor Altenor Lopes Magalhães (Pesquisa de campo, 2020). E em 2003 é inaugurado o prédio do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga da UEA. Na época, 36 professores ministravam aulas para 769 alunos dos cursos de Pedagogia, Normal Superior, Biologia, Matemática, Geografia e Letras.

O campo universitário da UEA Tabatinga, como diz Bourdieu (2004, p. 23), passa “a refratar as estruturas das relações objetivas entre os agentes” do Alto Solimões estabelecendo novas regras dentro desse espaço e nos demais campos da sociedade que a partir de sua implantação vai reconfigurar o cenário da educação da região, em particular de Tabatinga. Com isso, ribeirinhos e indígenas, brasileiros, colombianos, peruanos, entre outros, vão se firmando nesse campo contribuindo para mudanças significativas e contínuas na estrutura das dimensões social, cultural, política, econômica e ambiental da cidade da tríplice fronteira.

3.3 Disputas para consolidação da UEA na Fronteira Amazônica brasileira

Com a implantação da UEA em Tabatinga houve um crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na região, índice que contempla questões de potencialidades econômicas, intelectuais e de pessoas que vivem em situações insalubres. O ensino superior sendo ofertado na cidade oportunizou e oportuniza que muitas pessoas possam mudar suas realidades de vida por meio da educação, pois traz novos horizontes para se pensar em se qualificar e ocupar o mercado de trabalho. As pessoas aprendem até a se comunicar melhor, expressando seus pensamentos e ideias de forma clara, crítica, passam a ter mais autonomia e iniciativa diante das situações que vivem no meio social e familiar. Hoje as famílias já têm aquela expectativa do filho terminar o ensino médio cursar uma faculdade e já se vê muitos irem a Manaus e a outros estados fazer uma pós-graduação, situação impensável em décadas anteriores.

A UEA em Tabatinga absorve pessoas dos municípios de Benjamin Constant, Atalaia do Norte, Amaturá, São Paulo de Olivença, Tonantins, Jutáí, Fonte Boa, de outros estados do Brasil e também da Colômbia e do Peru. Por isso, sua estrutura já não abarca a responsabilidade que deve ter uma universidade na tríplice fronteira. Torna-se necessário que haja mais investimentos na ampliação da estrutura física, criando espaços para o desenvolvimento de atividades tanto dentro como fora da sala de aula, bem como áreas verdes para a realização de pesquisas, principalmente, mais incentivos voltados a questão socioambiental no intuito de despertar a sensibilidade dos acadêmicos, docentes e da comunidade em geral para a importância

da mudança de comportamento em relação ao meio ambiente e os impactos nele causados pela ação humana descontrolada. E por ser uma área de fronteira, é salutar que se reforce ainda mais essas questões trabalhando em conjunto com os países vizinhos para que elas sejam potencializadas cada vez mais e os cidadãos fronteiriços possam tornar-se agentes sociais preocupados com o bem-estar da coletividade e que repense suas atitudes, comportamentos criando uma nova racionalidade, uma racionalidade ambiental que lhes permita viver em mais harmonia com o meio ambiente e a outridade procurando caminhos que demonstrem maior preocupação com a natureza e ações práticas que priorizem a utilização consciente dos recursos naturais para que a presente e futuras gerações usufruam desses bens. A racionalidade ambiental apresentada por Leff (2002), valoriza a diversidade étnica e cultural levando em consideração a qualidade e não a quantidade no processo produtivo em um desenvolvimento alternativo das práticas sociais e culturais que vão além do processo de produção. Leff (2015), reforça essa reflexão ao mencionar que a problemática ambiental deriva da crise da racionalidade econômica que intensificou seu processo produtivo sem se preocupar com o meio ambiente e os recursos disponíveis, sendo sua tendência continuar com esse viés. Em virtude desse processo, precisamos de uma nova racionalidade que possibilite sensibilizar e reconstruir os caminhos éticos e as bases produtivas para um desenvolvimento menos prejudicial possível a todos os seres vivos.

Quando a UEA iniciou em Tabatinga, os melhores cursos só eram ofertados em Manaus, hoje temos uma variação, ainda que um pouco tímida, de outros cursos que passaram a ser ofertado no Centro de Tabatinga, influenciando as universidades particulares a se diversificar também para se manter no mercado na fronteira. O capital humano intelectual do Alto Solimões, em particular de Tabatinga hoje encontra-se em outro patamar, ainda que distante de um ideal educacional, pois há muito para se fazer e continuar possibilitando que essas pessoas desenvolvam seus potenciais, primeiramente, no âmbito educacional para que os resultados surjam no desenvolvimento da sociedade.

Em entrevista à pesquisa (2020) Altenor Lopes Magalhães diz que é uma felicidade ver que a semente plantada lá atrás, com as intensas lutas em prol da educação, germinou e passou a ser hoje uma situação altamente enraizada sendo impensado se perder a universidade. É muito mais sonhado existir o polo da UFAM em Tabatinga e o polo da UEA em Benjamin Constant, para buscar cursos novos e grades curriculares mais enriquecedoras. Com a UEA houve uma diferenciação muito grande do poder cognitivo, hoje as pessoas adquirem e constroem novos saberes, estão melhor preparadas, aprendem a defender seu ponto de vista com uma boa argumentação e já não aceitam as coisas de qualquer forma, porque adquiriram senso crítico que antes não tinham. Como coordenador na elaboração do plano diretor da cidade de Tabatinga, contou com a contribuição do professor cubano Doutor Uvedel Bernabe Del Pino Paz, que ministrava aulas na UEA Tabatinga, doutor em estatística que foi primordial na construção do plano, bem como outros profissionais como: pedagogo, engenheiro, economista, advogado que são filhos de Tabatinga. O político afirma que na cidade hoje há vários médicos que foram fazer medicina na UEA em Manaus, diversos engenheiros que, inclusive, já trabalham pelo município. A UEA chegou para nivelar por cima, os professores das escolas estaduais, 80% passaram pela UEA, uns fizeram normal superior, outros fizeram em Benjamin Constant, geografia, matemática, história e educação física. Hoje a maioria dos docentes da UEA são filhos da terra, até em Benjamin Constant, na UFAM tem muitos docentes que são filhos da terra, oriundos da própria universidade.

O professor indígena Nilson Alexandre Ferreira⁶, da etnia Tikuna, expõe que os alunos indígenas sentem muita dificuldade ao entrar na universidade porque não dominam o português, que é muito diferente da língua materna, existem muitas palavras que não pertencem ao idioma usado na comunidade e assim, surgem as dificuldades de compreensão impossibilitando acompanhar as disciplinas. Mesmo assim, alguns indígenas conseguem se sobressair, quando pedem ajuda dos professores e/ou dos colegas para entenderem o conteúdo, com muito custo conseguem se formar. Mas, a grande maioria acaba desistindo após serem reprovados em várias disciplinas ou ficam durante muito tempo tentando concluir. E essa

⁶ Entrevista concedida por Nilson Alexandre Ferreira, professor indígena Ticuna da rede municipal e estadual do município de Tabatinga que atua na comunidade de Umariacú II. Realizada em 03 de março de 2021, em Tabatinga-AM.

problemática se agrava por não ter um projeto voltado para minimizar ou suprir essa necessidade dos indígenas dentro da universidade, considerando as peculiaridades próprias da língua indígena. O professor afirma,

Quando fiz o PROFORMAR, nunca houve um apoio para os indígenas, mas isso ainda é uma necessidade atual, vejo muitos indígenas que conseguem passar no vestibular, mas não terminam, não conclui o curso porque eles têm muitas dificuldades, vão reprovando nas disciplinas, que vão se acumulando e acabam por não concluir o curso. A UEA já formou muitos professores não indígenas, mas para a área indígena ainda se precisa de profissionais com ensino superior, uma vez que, até o presente momento temos professores indígenas atuando nas comunidades apenas com o ensino médio. É preciso formar mais professores indígenas para trabalhar com os indígenas. A instituição também poderia colocar outros cursos como: enfermagem, medicina, turismo, para não formar só professores. A UEA poderia contribuir com a comunidade fazendo formação continuada para os professores, formação de líderes, oferecendo cursos profissionalizantes para nossos jovens e trabalhar meios de fortalecer a nossa cultura. Tanto a UEA quanto a UFAM podem oferecer um apoio dentro da universidade para os indígenas, tem que ter um núcleo de educação indígena para dar suporte específico para que os indígenas terminem sua graduação no tempo hábil e sem desistência. Em relação as cotas para indígenas, penso que ainda são necessárias para facilitar a entrada na universidade, mas é indispensável pensar também em políticas de permanência para que mais indígenas consigam concluir o curso (Pesquisa de Campo, 2021).

Os relatos do professor Nilson Alexandre são reforçados por Bendazzoli (2011), ao justificar que atender a diversidade no Alto Solimões perpassa pela necessidade de levar em consideração as condições que os estudantes indígenas chegam no ensino superior, com a dificuldade de domínio da língua portuguesa, a falta de apoio pedagógico e outros mostrando que as universidades não estavam e ainda não estão preparadas para esses alunos, sendo indispensável que as instituições de ensino superior se posicione com ações práticas junto à comunidade universitária para coibir atitudes de discriminação, preconceito e desclassificação dos conhecimentos dos universitários indígenas.

O Professor indígena Kokama, Cleuter Tenazor Tananta⁷, é doutor em educação com pesquisas relacionadas a educação indígena, foi aluno e também atuou como professor na UEA de Tabatinga. E ao longo de sua atuação no município pode perceber que a maior dificuldade dos alunos indígenas está no domínio da língua portuguesa e, por essa razão, muitas pessoas da etnia Tikuna costumam dizer que os da etnia Kokama são civilizados porque eles falam o português um pouco melhor, pois perderam sua língua materna. O docente conta que,

Os Tikuna apresentavam dificuldade em relação ao domínio da leitura e da escrita, mas nas aulas os colegas se juntavam e iam se ajudando mutuamente para que nenhum desistisse do curso. Mas a maior dificuldade dos Tikuna era e ainda é a questão da escrita e da leitura. A universidade, naquela época não se mostrou sensível a essas questões por mais que falássemos a respeito, talvez devido a extensão do projeto que era grande. Desse modo, o professor titular decidiu tomar a responsabilidade para si e procurava auxiliá-los da melhor forma possível na sala de aula. A UEA ainda deixa muito a desejar nesse sentido de pensar alternativas para minimizar o impacto da linguagem na formação indígena. Mas acredito que todos tenham capacidade de aprender, se desenvolver e não precisam ser tratados como coitadinhos, precisam apenas se dedicar, persistir e acreditar em sua capacidade. Como vemos muitos colegas Tikuna fazendo cursos superiores, mestrado, doutorado no Brasil a fora, que já passam a ter um patamar diferenciado na linguagem, oratória e escrita, pois já estão mais esclarecidos. Essa questão para o indígena não pode ser humilhante, não pode ser preconceituosa, não pode ter complexo de inferioridade, porque todos temos alguma dificuldade, mas se treinar consegue fazer. Na sala de aula havia bastante preconceito em relação aos indígenas, porque existiam grupos com afinidades, com panelinha, com a questão de hierarquia, questão econômica, então, existem várias formas de discriminar o outro seja de forma grosseira ou delicada. Ninguém sabe tudo, mas todo ser humano tem suas habilidades, aí que está o diferencial [...]. Se você não quer ser superior ao outro, mas quer estar no meio deles, mostre seu potencial. Assim, você se supera e passa a vencer a barreira do preconceito e discriminação (Pesquisa de Campo, 2021).

⁷ Entrevista concedida pelo professor doutor Cleuter Tenazor Tananta, ex-aluno do PROFORMAR. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2021, em Tabatinga/AM.

Na entrevista como o docente da zona rural Helder José Rodrigues⁸, ex-aluno do PROFORMAR obtivemos informações de que muitas vezes os indígenas acabavam indo para a recuperação, que era chamado de plano de estudo, porque tinham dificuldades de compreensão dos conteúdos na língua portuguesa. E não tinha ninguém que falasse a língua Tikuna para fazer a tradução e eles pudessem compreender melhor. Eles sofreram muita discriminação e rejeição por parte de alguns colegas não indígena, porque não falavam correto, muitas vezes ficavam isolados, poucas pessoas os convidavam para seus grupos. Os indígenas tinham bastante medo de interagir, de falar e de perguntar para os colegas, muitas vezes, ficavam inibidos em dar suas opiniões e ser discriminados, pois tinham receio de falar coisas erradas, essas dificuldades de lidar com os colegas, professores e entender os conteúdos explanados na aula foi muito acentuada inicialmente. E houve uma conversa entre o reitor da universidade com os professores assistentes que vinham para os municípios para que eles pudessem trabalhar as dificuldades e as formas de interação de todos na sala de aula, a partir deste diálogo, ganhou novos significados, mudando o posicionamento de todos nas aulas e se configurou um novo cenário, passando os colegas indígenas ter um aproveitamento melhor (Pesquisa de campo, 2021).

A professora Loyciete da Conceição Silva⁹, formada em letras em Tabatinga, evidencia que no campo acadêmico da UEA já houve algumas manifestações de alunos e professores reivindicando melhorias para o Centro, porque faltava uma boa reprografia, livros para pesquisas, espaço adequado para fazer as pesquisas na biblioteca e, principalmente, a falta de professores para ministrar as disciplinas em todos os cursos, entre outras coisas. Houve uns dois movimentos, em um deles, estudantes, professores e coordenação dos cursos foram manifestar na rua com velas para reivindicar mudanças e a troca de direção. Toda a manifestação ocorreu de forma pacífica, foi um protesto para solicitar melhorias da universidade mostrando que enquanto universitários aprendemos a lutar por nossos direitos, por coisas melhores. E todas as manifestações foram para reivindicar uma melhor infraestrutura e professores para que o processo educativo acontecesse sem interrupções e com qualidade.

Primeiro diretor da UEA Tabatinga, o advogado Narciso Prestes Picanço¹⁰, professor da primeira turma do PROFORMAR afirma que quando assumiu a UEA, havia apenas o prédio recém construído, todo sujo e mal acabado, ele ocupou o cargo de direção até maio de 2004, quando foi substituído pelo professor Oziris. No entanto relata que,

O professor Adalberto Augusto Pereira da Silva (Coalhada), secretário municipal de educação na época, emprestou bebedouros para que disponibilizássemos água aos estudantes, funcionários e a comunidade dentro do espaço universitário, contratei algumas pessoas de imediato, 4 para limpeza, 3 vigilantes, o Vaner para trabalhar comigo na secretaria e uma bibliotecária. E muito precariamente fomos seguindo, não tinha recursos, o material de expediente era comprado fiado. Haviam muitos impasses, como o poço artesiano que foi cavado e a água era contaminada, porque naquela área criavam porco, era uma pocilga, tivemos que cavar outro poço na frente (Pesquisa de Campo, 2021).

A Universidade já vem investindo, aos poucos, em parcerias com as demais universidades da tríplice fronteira, isso fica evidente nos diversos eventos internacionais que vem sendo realizados no Centro, porém para o poste de uma universidade fronteiriça essas parcerias ainda são tímidas, ocorrendo na maioria dos casos, de forma pontuais e restrita a poucos professores. Em 2004, aconteceram dois eventos importantes: o primeiro evento cultural, foi a Semana das Ciências que ocorreu nas dependências da Igreja Católica Santos Anjos, e o primeiro Fórum Internacional da Tríplice Fronteira (Brasil, Colômbia e

⁸ Entrevista concedida pelo docente e diretor da Escola Municipal de Limeira Helder José Rodrigues. Realizada em 20 de fevereiro de 2021, em Tabatinga-AM.

⁹ Entrevista concedida pela professora Loyciete da Conceição Silva, formada em Letras na UEA de Tabatinga. Entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2021, em Tabatinga-AM.

¹⁰ Entrevista cedida pelo advogado Narciso Prestes Picanço, primeiro gestor da UEA Tabatinga. Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2021, via Google Meet.

Peru) no Auditório Amazônia Régia, cedido pelo exército para a realização do fórum (Ferrarini, 2013). Hoje já é possível perceber uma maior interação entre universidade e a sociedade, mais ainda está longe de alcançar o ideal, há poucas atividades de extensão sendo desenvolvidas, é preciso ampliar tais ações. Em entrevista, Altener Lopes Magalhães expõem;

Em 2007, criamos o encontro de universidades Amazônicas, a própria UEA teve interação com a universidade UNAL da Colômbia e a UNAP do Peru. Essa interação acadêmica foi feita nos três países, no Centro universitário em Tabatinga, no Peru foi em Iquitos, e na sede da UNAL em Letícia. A estrutura de Letícia, assim como em Tabatinga ainda é insuficiente para a realização desses eventos. A estrutura do Peru, da UNAP é muito melhor, muito maior, lá eles ofereceram para as pessoas, por exemplo, vamos pesquisar em Quisto Cocho, que é uma área de preservação muito bonita. Uma turma foi pesquisar na fábrica de cerveja. Outros foram para outros campos, a turma toda se encontrou teve reunião e cada um tinha que falar as experiências vividas nos eventos. Mas ao trocar a direção e essas ações vão ficando esquecidas, as pessoas que firmaram compromisso vão saindo e buscando outros horizontes e as pessoas que assumem tem outros pensamentos. Quer queira ou não, o comando da universidade naquela época, era por indicação política. Hoje não, hoje já existe uma escolha local que não muda tanto, mas o conselho de docentes, tem que prevê uma sequência de ações que devem se intensificar com o tempo. E a gente sempre teve e ainda tem palestra de colombianos, de peruanos, de pessoas que com determinados assuntos, com determinadas pesquisas elucidam muitas lembranças, e até parece que não temos memória (Pesquisa de Campo, 2020).

A Universidade em Tabatinga tem pouquíssima interação com a comunidade de Umariacú para fazer palestra, formação com os professores, mas os Tikuna também não procuram a universidade para que ela ocupe o espaço da comunidade, há a necessidade de se melhorar essa política de interação, relata o professor Nilson Alexandre Ferreira.

Gleissimar C. Castelo Branco conta em entrevista que o curso de direito, recente ofertado no Centro de Tabatinga, trouxe grande impacto, por formar profissionais para o Alto Solimões na área. Desde os seus artigos científicos que foram publicados tem grande relevância para a região na área do direito no Amazonas e no país. Precisa-se que no Alto Solimões também tenha o curso de medicina, de enfermagem pela UEA ou pela UFAM e outros cursos que são bastante esperados, como de engenharia de pesca, agronomia. Esses cursos são demandados para a região, apesar de ter os cursos técnicos em: piscicultura e pesca, a população não quer mais só técnico, a população do Alto Solimões quer também profissionais com o nível superior, formados nas universidades do Alto Solimões. O fórum está trazendo essas demandas que já constam como informações do Plano Territorial de Desenvolvimento Regional Sustentável (PTDRS) do Alto Solimões. Da geração lá do início que lutava por tudo isso para a geração atual, existe grandes diferenças, os jovens hoje têm muito mais informações, conhecimento, principalmente de tecnologia, isso as lideranças anteriores não tinham. Todas as lutas que ocorreram foram impactando na vida da população da região, de Tabatinga. Tabatinga está se tornando a cidade universitária, além da UEA, outras universidades privadas estão fixando suas bases no município. O Instituto Federal do Amazonas (IFAM) deu uma movimentada na preparação e na qualidade do ensino, e a maioria de seus alunos conseguem passar nos vestibulares e vão para a UEA também. Então, teremos para a próxima década, com certeza, um capital humano bem preparado para assumir os espaços de poder que estão há algum tempo, e até gerações nas mãos de famílias que infelizmente os gestores nem o ensino médio alguns têm e ocupam cargos de prefeitos, são vereadores e etc. Espera-se que no futuro as pessoas mais preparadas ocupem esses espaços.

A chegada da UEA Tabatinga representa um novo marco para a educação superior no Alto Solimões, permitindo aqueles indivíduos mais desprovidos de capitais a lutar e conseguir êxito neste campo de concorrências e rivalidades onde todos são concorrentes, juízes e adversários para conseguir seus propósitos de vida (Bourdieu, 2017).

Percebemos diante da fala dos sujeitos acima que a IES de Tabatinga passou por diversos desafios para se manter funcionando, e mesmo com tantos impasses seus agentes sociais, cada um na sua área e em conjunto deram seu melhor para driblar a falta de uma infraestrutura adequada, falta de recursos humanos e financeiros para efetivar o processo da educação superior em Tabatinga e no Alto Solimões. Todos os entrevistados são unânimes em afirmar que o Centro de Tabatinga deve

continuar oferecendo cursos de licenciatura, porém em uma escala menor para dar prioridade a novos cursos como: medicina, enfermagem, engenharia civil, engenharia ambiental, engenharia elétrica, engenharia mecânica, engenharia de obras, arquitetura e urbanismos e outros, ampliando o leque de oportunidade para outras áreas no mercado de trabalho, que já se apresenta com uma certa saturação, ou seja, o Alto Solimões já tem excedente de profissionais licenciados na área docente.

Todavia, investir em novos cursos também requer investimentos em novas estruturas e infraestruturas do espaço universitário para redimensionar o desenvolvimento da tríade ensino, pesquisa e extensão. Pensar em cursos que permitam uma maior contextualização com as potencialidades existentes na região favorecendo o modo de vivência amazônica dos moradores locais, que trabalham com agricultura, a pesca e até mesmo a caça de animais silvestres, uma vez que, o povo amazônico, culturalmente possuem a necessidade de alimentar-se de diversos animais silvestres, dos frutos da terra, dos peixes e animais aquáticos. É preciso criar mecanismos para que se faça uso e reposição desses animais a natureza, visando o equilíbrio ambiental das espécies nesses espaços, levando em consideração a manutenção da cultura e preservação da fauna e da flora, além de pensar no problema do lixo, poluição das águas, efeito estufa e demais problemáticas causadas pelo mau uso dos recursos naturais.

Em todos esses aspectos, o papel da universidade é fundamental, para colaborar e criar novas alternativas e projetos inovadores que beneficiem a sociedade. Além de pensar nas relações humanas, desencadeando valores e princípios que facilitem a convivência coletiva, onde todas as pessoas possam ser sujeitos ativos tanto na construção de seu desenvolvimento intelectual como no do outro, auxiliando sempre que preciso os que apresentam dificuldades. Esses e outros fatores nos levam a refletir o quanto as questões socioambientais são indispensáveis para a formação docente, uma vez que, poderão sensibilizar o *homo academicus* a dar continuidade a esse processo, fora dos muros acadêmicos auxiliando a mudança de postura da geração atual e das futuras instituindo modos de vidas que conduzam a uma relação do ser humano mais equilibrada com o meio em que vive. Essas constatações reafirmam a necessidade de pôr em prática a legislação que se refere à educação ambiental, de formar profissionais de todos os níveis e modalidades de ensino com o viés ambiental para atuar no mundo de forma consciente.

3.4 A representação ambiental da UEA de Tabatinga para seus agentes sociais

É muito importante que temas relacionados a educação ambiental sejam trabalhados na formação de professores, incentivando-os a aplicar esses conhecimentos não só no exercício da profissão, mas na sua convivência diária na comunidade. Nilson Alexandre Ferreira, professor indígena do município em entrevista confirma essa necessidade dizendo,

Na comunidade indígena do Umariacú, onde habita a população Tikuna, existe um igarapé que antigamente ao redor só tinha floresta e a água ficava limpa, havia muitos peixes. Agora, as árvores foram derrubadas, muitos jogam lixo dentro, a água é suja e tem poucos peixes, falta uma atuação política maior com relação a natureza. Espero que futuramente a universidade atenda todas as pessoas sem distinção de raça, cor e sexo. Sonho que um dia tenha lá o ensino da língua indígena, voltado para os indígenas da região, não só Tikuna, mas de outras etnias também, dando o apoio que precisamos. Porque muitos de nossos alunos que saem das comunidades para estudar, passam no vestibular, mas não conseguem terminar pelas dificuldades advindas com a compreensão da língua portuguesa, e dentro da universidade não tem apoio, não tem ninguém que incentive eles, que faça uma orientação ou acompanhamento (Pesquisa de Campo, 2021).

Como podemos notar na fala do docente, a comunidade de Umariacú precisa de uma atuação mais efetiva na questão ambiental e social onde se torna necessária a sensibilização dos moradores para os cuidados com o meio ambiente, principalmente, com o descarte correto dos materiais sólidos e efluente, pois apesar de ser uma comunidade indígena também evidencia problemas comuns da área urbana da cidade de Tabatinga, tornando a atuação da universidade imprescindível em observar, investigar e propor alternativas viáveis que colaborem na mudança de *habitus*, comportamento e atitudes dos

cidadãos fronteiriços. Essa questão acontece de forma similar no perímetro urbano de Tabatinga, onde pode-se observar o tratamento dado aos resíduos sólidos pela população, que apesar de o carro coletor de resíduos sólidos passar nas ruas em determinados dias da semana é indispensável uma atuação mais efetiva na sensibilização da população para o descarte no lugar correto dos resíduos e de forma adequada. Evitando que os resíduos provoquem problemas maiores contaminando igarapés, rios, os lençõs freáticos e possam causar outros transtornos, como por exemplo, o entupimento das valas a céu aberto e os bueiros durante as grandes chuvas que acabam por alagar a casa de moradores, principalmente, porque após o concretização de algumas ruas no município e sem um sistema de escoamento de água, tem causado indignação as famílias que tem sofrido com as consequências da inundação de suas casas durante as chuvas. Por isso, é oportuno criar mecanismos que exija o cumprimento de regras estabelecendo uma cultura de maior envolvimento e conservação do meio ambiente de forma geral para que as gerações que aqui estão e as futuras possam continuar desfrutando dos recursos naturais com sabedoria e que as relações sociais se tornem menos individualistas. Segundo Morin (2002, p. 65), “a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão”. Assim a universidade tem que se adequar as demandas da sociedade sem perder sua função de promover o desenvolvimento, o conhecimento conservando a cultura do saber científico. “

A professora Loyciete (2021) narra em entrevista que no ano de 2003, o curso de letras não tinha disciplinas destinada a trabalhar com a pauta ambiental, porém outros cursos, como geografia e biologia já trabalhavam bastantes esses temas. Havia a semana dedicada a cada curso, semana de letras, por exemplo, onde geralmente no final do evento acontecia a noite cultural, as turmas de letras ficavam responsáveis em organizar e cada curso fazia sua apresentação levando em consideração a questão ambiental. Existia a preocupação com os resíduos sólidos, colocavam lixeiras para separar os diferentes tipos de resíduos produzido, os trabalhos de organização dos eventos sempre se deram de forma coletiva nos cursos. Alguns anos após se formar, presenciou uma equipe da UEA na comunidade Teresina III fazendo um estudo sobre o lago Caiau, preocupados com a preservação, foram várias vezes, para observar como estava as condições do lago e as espécies que ali se desenvolviam. É interessante que se trabalhe com os futuros professores, disciplinas voltadas para a temática ambiental dando base para que eles saibam como ministrar suas aulas envolvendo esses conteúdos de extrema valia no desenvolvimento social. A educação ambiental deve ser parte integrante de todos os cursos do ensino superior, principalmente com as transformações climáticas e catástrofes que estão acontecendo no mundo. Na região do Alto Solimões tem acontecido grandes enchentes e secas nunca vistas anteriormente. E nos perguntamos: Por que isso acontece? É da natureza ou será que o ser humano tem agido de forma errada em sua relação ao meio em que vive? Qual é a minha contribuição nisso? A professora menciona que a UEA poderia ter projetos voltados para as comunidades a fim de ajudar as pessoas a perceber os efeitos de suas ações com problemas detectados no interior da própria comunidade. Ressalta que a responsabilidade é da comunidade, mas se tivesse a UEA como instituição para apoiar, auxiliar e direcionar a preservação e manutenção das espécies que ali existem seria bem melhor. Para Sousa et. al. (2020, p. 4),

a Educação Ambiental (doravante EA) passa a representar uma opção estratégica para instrumentalizar as pessoas a pensarem de maneira consciente e responsável quanto à utilização dos recursos naturais, pois, é necessário que todos adquiram a mesma postura frente à reprodução de conhecimentos relacionados à preservação e à conservação do meio ambiente visando a garantia de uma melhor qualidade de vida no planeta.

Percebe-se que a UEA desde que iniciou suas atividades em Tabatinga vem trabalhando tímida e pontualmente as questões socioambientais e ao longo dos anos tem se aprofundado e se preocupado com a inserção da educação ambiental no tripé ensino, pesquisa e extensão. Nesse intuito, a universidade vai inserindo e transformando a visão ambiental de seus agentes sociais na forma de se comportar, posicionar, argumentar e indagar nos campos pelos quais transitam. No âmbito do ensino,

Helder José Rodrigues explica que durante sua formação estudou temas envolvendo a educação ambiental que fazem parte do currículo da educação fundamental nas matérias de ciências, língua portuguesa, história do Amazonas, geografia entre outras que se tornaram primordiais na sua atuação profissional no ensino básico. As questões ambientais foram bastante debatidas onde elaboraram atividades diversificadas como: reciclagem, oficina, exposição dos trabalhos desenvolvidos. Assim, o cidadão passa a se sensibilizar com as causas ambientais promovendo mudança de comportamentos, formação de valores e atitudes voltadas para o consumo consciente e a sustentabilidade. O professor ressalta ainda, que:

Hoje tenho essa visão porque estudamos e trabalhamos com os temas transversais, então, é importante esse viés, para que possamos incentivar a criança a ter responsabilidade, cuidar do que é seu, porque isso vai passando de geração em geração e se a gente não tem o cuidado de educar nossos filhos, nossos alunos nesse patamar as coisas vão se acabando. E se você faz com que as crianças sejam incentivadas a preservar, a cuidar tudo vai ficar melhor, ou seja, nós não teremos poluição, ou reduziremos, vamos ter água suficiente, peixe suficiente que não vai se acabar, eles vão está aí. Como por exemplo, hoje na nossa sociedade para quem comia tambaqui uma vez na semana agora tá comendo uma, duas vezes no mês ou no ano, porque incentivou-se a cultura da piscicultura, criação de peixe em cativeiros, que ajudam o homem a consumir de forma controlada. (Pesquisa de Campo, 2021).

Essas constatações são fundamentais, visto que, hoje não se pode mais analisar a sociedade de forma desconexa das questões socioambientais e inserir a formação ambiental como parte do processo de aprendizagem para que os indivíduos passem a pensar ambientalmente é questão de sobrevivência. Na entrevista concedida por Pedro Nascimento Cornélio¹¹, professor formado na UEA, ele diz que na época que estudou não havia eventos que evidenciasse a preocupação da UEA nas questões ambientais, porque a mesma ainda estava se organizando no município, então não havia toda essa preocupação com o meio ambiente. De acordo com Spazziani (2020), a universidade desempenha um indispensável papel na sensibilização do *homo academicus* e de toda a sociedade em relação as dimensões que envolvem a sustentabilidade, sendo que muitas já dispõem em seus currículos de cursos de graduação, como de ciências biológicas, a disciplina de Educação Ambiental que contribuem para a formação ambiental desses agentes sociais. Além disso, as universidades trabalham projetos de pesquisa e extensão com temas ambientais e sociais, aguçando e aprimorando o olhar do cidadão para colaborar na busca por um meio ambiente mais equilibrado. Por esse motivo, torna-se cada vez mais importante que as universidades ampliem suas ações voltadas para a formação ambiental de toda a sociedade, nos mais diversos cursos e projetos desenvolvidos junto e com a comunidade formando profissionais que incorporem em suas atitudes comportamentos sustentáveis. Dessa forma a universidade estará também atendendo o que preconiza a Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que versa sobre a Política Nacional de Educação Ambiental, a qual exige “a incorporação da dimensão ambiental na formação, especialização e atualização dos educadores de todos os níveis e modalidades de ensino” e “profissionais de todas as áreas” (Brasil, 1999).

O Centro de Tabatinga vem ao longo de 20 anos, investindo timidamente nas questões socioambientais tanto na organização de eventos como na abordagem de conteúdos de cursos como de matemática e letras, pois nessas primeiras décadas o campus se preocupou inicialmente em organizar e formar seu quadro de servidores permanente, para então, investir na capacitação desses profissionais que atuam em seus espaços. No início, grande parte dos docentes tinham apenas a especialização, hoje a maioria já são mestres e daqui mais uns anos todos serão doutores, uma vez que, aos poucos estão saindo para fazer a capacitação profissional.

A tríplice fronteira amazônica é um campo propício para a realização de diversas ações envolvendo o meio ambiente e as questões socioambientais, se a universidade faz parcerias com outras instituições do município e intensifica as parcerias com o próprio IFAM, a UFAM ou a prefeitura se abre um leque de situações que podem gerar aprendizagem significativas para toda a sociedade. Como podemos perceber a UEA Campus Tabatinga aos poucos vai ganhando espaço, desenvolvendo e

¹¹ Entrevista concedida por Pedro Nascimento Cornélio, professor da rede municipal. Realizada em 17 de fevereiro de 2021, em Tabatinga-AM.

envolvendo a sociedade fronteiriça em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. De acordo Fensterseifer & Johann (2021, p. 9):

os elementos que compõem a indissociabilidade do fazer universitário podem ser visualizados nestas três dimensões, das quais não podemos nos descuidar: a) dimensão política (extensão) – trata-se do reconhecimento de que a liberdade acadêmica que usufruímos (que permite pensar o próprio sentido da universidade como lugar da “crítica sem teto”) é uma prerrogativa das sociedades democrático-republicanas; b) dimensão epistêmica (pesquisa) – trata-se do reconhecimento do caráter proposicional dos saberes que produzimos e ensinamos, o que, embora nos permita reconhecer a objetividade das suas verdades, não nos possibilita falar de verdades absolutas; c) dimensão didático-pedagógica (ensino) – trata-se do reconhecimento de que não há aprendizagem sem o comparecimento dos sujeitos do processo educacional, os quais são potencializados pelas duas prerrogativas anteriores (liberdade acadêmica/provisoriedade das verdades científicas).

Porém esse processo em Tabatinga acontece de forma paulatina tendo em vista as grandes dificuldades enfrentadas para se fazer um ensino superior de qualidade em uma região tão diversa e com peculiaridades próprias que desafiam a capacidade do campus universitário a articular-se e manter-se como base do desenvolvimento econômico e social por meio da educação. “Essa a Educação tem que possibilitar o sujeito a exercer o ato político, a participação com direito de voz e vez nos processos sociais de forma consciente” (Lustoza et al., 2021, p. 2). O campo universitário vai consolidando suas estruturas de poder e hierarquia nas constantes lutas por posições que aos poucos se definem com o reconhecimento das competências acumuladas de seus agentes por meio do conhecimento das diversas formas de capitais (social, cultural, científico, simbólico etc).

A Instituição de ensino superior tem se preocupado não apenas em oferecer um curso de graduação, mas em qualificar cada vez mais a população do Alto Solimões, pois à medida que tem possibilitado a formação de seu próprio corpo docente facilitando a saída para suas qualificações, também tem ofertado cursos de pós-graduação na medida do possível aos habitantes superando os desafios inclusive logísticos dessa região de imensas dimensões geográficas. E diante de sua realidade novos desafios, novas demandas vão surgindo, esperando a ação de novos agentes sociais que lutem por uma educação superior de melhor qualidade e que terão seus reflexos no ensino básico e na própria formação da sociedade.

4. Considerações Finais

No âmbito do desenvolvimento intelectual na região da tríplice fronteira amazônica, já é possível contar com a Universidade Nacional da Colômbia em Letícia, a Universidade do Estado do Amazonas e o Instituto Federal do Amazonas e algumas universidades particulares que aos poucos ganham espaço em Tabatinga, a Universidade Federal do Amazonas em Benjamin Constant que unem esforços para superar as dificuldades peculiares do território de fronteira e formar profissionais qualificados para atuar nesse território.

Mudanças estratégicas ocorridas no século XX e XXI influenciam o comportamento da população buscando implantar e implementar o ensino em universidades colaborando para formação profissional da população da tríplice fronteira, o que tem impulsionado o Ensino à Distância (EaD), onde a questão das tecnologias voltadas para a educação têm se tornado importante papel de promoção social. Neste ambiente as relações se transformam continuamente com a multiculturalidade que nele existe adequando-se aos novos desafios vivenciados com as mudanças advindas do mundo (globalizado) que afetam as mais longínquas localidades do planeta e estabelecem novas formas de se conviver com o diferente. Por isso, a educação tem papel fundamental neste processo, pois por meio dela será forjada a identidade de novos cidadãos capazes de manter ou transformar o *status quo* da sociedade almejada.

Nesse sentido, a universidade pública (UEA) representa um marco relevante para a população do Alto Solimões, em particular, para quem vive em Tabatinga, por oportunizar às famílias a sonhar com um futuro melhor para seus filhos. A partir

de 2002 Tabatinga passa a contar com os cursos de licenciaturas oferecidos pela UEA para qualificar professores que atuariam no ensino básico oferecendo novas oportunidades para que famílias de baixa renda pudessem elevar seus padrões de vida por meio do incentivo à entrada no ensino superior, trazendo expectativas diferentes do extrativismo e da pesca para subsistência.

A chegada da UEA traz para a tríplice fronteira amazônica e o Alto Solimões uma nova roupagem para educação básica e superior, pois professores mais capacitados passam a ensinar seus alunos com mais qualidade instigando-os a superar suas limitações tornando-os cidadão críticos e reflexivos na sua atuação na sociedade.

No campo econômico, muitas pessoas concluíram o nível superior e estão melhor preparadas para atuar no mercado de trabalho. Houve migração da população de outros municípios e da zona rural para a cidade em busca de cursar uma graduação e tudo isso dinamiza a economia do município, pois ao chegar em Tabatinga existe a demanda por moradia, transporte, alimentação e de suprimento de necessidades básicas. A UEA qualificou e continua a qualificar profissionais que já atuam na educação, construção civil e em outros setores em todo o Alto Solimões ocupando os cargos públicos e privados que antes eram ocupados, em sua maioria, por pessoas vindas de outras cidades fora do Amazonas. Atualmente o mercado de trabalho na tríplice fronteira tem sido disputado, exigindo profissionais mais qualificados e aptos a exercer as diversas funções com competência. Os licenciados pela UEA já não conseguem ser absorvidos no mercado educacional, necessitando que outros cursos sejam oferecidos para formar profissionais em outras áreas que se desenvolveram na cidade de Tabatinga, como a da construção civil, a saúde pública, setor de transporte, setor hoteleiro entre outros.

No campo político, houve uma mudança significativa na racionalidade dos agentes sociais que tiveram a oportunidade de cursar um ensino superior, mais politizadas passaram a analisar melhor os candidatos em quem votam, passaram a lutar mais por seus direitos, recebem melhores salários, melhoram a moradia, entre outros. Hoje podemos observar que mais jovens, incluindo os indígenas, e com graduação passaram a militar nos partidos políticos e a disputar cargos (prefeito, vereador) nas eleições, estes indivíduos já estão mais preparados para assumir cargos e gerir a cidade.

E o campo educacional trouxe novas perspectivas de vida, novos horizontes que são necessários para transformação social conforme aqui apresentado, uma vez, que para que uma sociedade se desenvolva de forma sustentável é indispensável investir na educação, passando o *Homo Academicus* a ter novas interações com o meio ambiente onde vive, se posicionando como um ser capaz de transformar sua realidade e de todos a sua volta, por causa, da sua mudança de *habitus*, se adequando as diversas leis estabelecidas a partir da presença da universidade.

No campo ambiental, também constatamos nos diálogos em campo que já há uma sensibilização da UEA aos agentes fronteiriços que se preocupam com as condições e meios de interação entre o homem e a natureza, em que cada um faz sua parte de conscientização no setor onde trabalham, mesmo assim, a UEA por sua vez ainda tem uma atuação tímida nesse sentido, mas que aos poucos vai ampliando seu leque de atuação tanto no ensino, na pesquisa como na extensão.

Embora o campo acadêmico tenha transformado e modificado a configuração da sociedade qualificando a população, ainda há muito a se fazer para dotar seus agentes (futuros professores) de conhecimentos diversos ou de diferentes capitais que lhes possibilitem lutar por um espaço no mercado de trabalho, mas também que os prepare para ser cidadãos críticos, criativos atuantes na sociedade fronteiriça globalizada, elaborando novas perspectivas para a região.

No sentido de aprofundar a temática, sugerimos que outros trabalhos possam ser desenvolvidos para que se tenha mais evidências de como o *Homo Academicus* da fronteira vem sendo preparado para atuar no mercado de trabalho? Como a questão ambiental vem sendo discutida e vivenciada no ensino, pesquisa e extensão na universidade? O que a universidade vem fazendo para garantir a inclusão e permanência dos indígenas, na finalidade que estes consigam se formar no final dos quatro anos do curso de licenciatura? Quais motivos levam a UEA a permanecer trabalhando com o mesmo objetivo desde sua criação, uma vez que, já existem uma gama de profissionais formados em licenciatura no Alto Solimões?

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo suporte financeiro ao projeto por meio do Programa PROINT/2018.

Referências

- Bendazzoli, S. (2011). *Políticas públicas de educação escolar indígena e a formação de professores ticunas no Alto Solimões/AM*. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Estado, Sociedade e Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- Bourdieu, P. (2017). *Homo academicus*. Tradução Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. Revisão técnica Maria Tereza de Queiroz Piacentini. UFSC.
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia crítica do campo científico*. Texto revisado pelo autor com a colaboração de Patrick Champagne e Etienne Landais; tradução de Denice Barbara Catani. UNESP.
- Brasil (1996). Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9424compilado.htm
- Brasil (1999). Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei 9.795, de 27 de abril de 1999*. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm
- Crizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Vozes.
- Crizzotti, A. (1995). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Cortez.
- Fensterseifer, P. E., & Johann, M. R. (2021). A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: uma questão prática. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10 (1), e36210111795. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11795>
- Ferrarini, S. A. (2013). *Encontro de Civilizações e as origens de Tabatinga*. Valer.
- Fernandes, C. M. T. S. (2015). *Educação na Amazônia brasileira: a importância da fixação da Universidade Federal do Amazonas no município de Benjamin Constant*. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus. <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5120>
- Frank, E. K. (2021). *Projeto Rondon - Primeira Fase (1967-1989): Participação UFRGS*. https://www.inf.ufrgs.br/rondon/wp-content/uploads/2020/10/Artigo_Rondon_Primeira_Fase.pdf
- Freiberger, R. M. A. S. (2021). “Integrar para não entregar”: a atuação das juventudes no Projeto Rondon (1967-1969). XXIX Simpósio Nacional de História. Contra os preconceitos: História e Democracia. https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502674747_ARQUIVO_Textocompleto-RafaelaMateusAntunesdosSantosFreiberger.pdf
- Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. Atlas.
- Lacerda, L. F. (2019). *Diagnóstico socioambiental da tríplice fronteira amazônica: Brail, Colômbia, Peru [recurso eletrônico]*. Casa Leiria. <http://www.casaleiria.com.br/acervo/olma/diagnostico.html>
- Leff, E. (2002). *Epistemologia ambiental*. Tradução de Sandra Valenzuela. Revisão técnica de Paulo Freire Vieira. (5a ed.) Revista. Cortez.
- Leff, E. (2015). *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. (11a ed.), Vozes.
- Lüdke, M.; André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. EPU.
- Lustoza, R. M. R., Oliveira, H. A., Silva, A. R. da, & Conceição, M. M. (2021). Conselhos Humanos, Universidade e Políticas Públicas: um caminho para uma educação libertadora. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10 (1), e48010112032. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.12032>
- Morin, E. (2001). *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Elóia Jacobina. (3a ed.), Bertrand brasil.
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Informação (1985). *Os 40 anos, Faculdade de Serviço Social: Ação comunitária junto aos carentes*. Revista da PUCRS. Ano VIII, nº 15. Julho de 1985. <https://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/6020/1/Revista%20PUCRS%20Informa%C3%A7%C3%A3o%200015.pdf>
- Sousa, S. de NF, Rebello, FK, Cordeiro, LP, Cardoso, CM, & Santos, MAS dos. (2020). Educação ambiental na Amazônia: contexto e prática de professores do município de Colares, no estado do Pará, Brasil. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 9 (7), e373974173. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4173>
- Spazziani, M. L. (2020). Educação ambiental e universidade: indícios de sustentabilidade. Appris.
- Universidade do Estado do Amazonas (UEA). (2002). *Relatório de gestão 2002*. <http://www.pdi.uea.edu.br/categoria.php?area=C52>
- Universidade do Estado do Amazonas (UEA). (2007). *Projeto Pedagógico Institucional*. <http://www.pdi.uea.edu.br/categoria.php?area=C21>